

Português como segunda língua: processo da minha aprendizagem

Rosario de Jesus Martins¹

Eu nunca esqueço e não esquecerei. Era numa terça-feira no mês de setembro de 1997. Foi o meu primeiro dia na escola. Eu estava animado porque esperava por esse dia durante dois anos, ou seja, era para eu ter entrado na escola com cinco anos de idade, mas não entrei porque eu era menor, fisicamente.

Meu pai era professor e minha mãe dona de casa. Eu tive contato com lápis, papéis, cadernos e os livros desde cedo. Na época, quase todas as noites eu acompanhava minha irmã enquanto fazia seus trabalhos ou meu pai preparava as aulas. Daí eu aprendi a ler e escrever, quer dizer, enquanto eles trabalhavam, entregavam um papel e um lápis ou livros para mim; eu via os desenhos ou rabiscava, então antes de eu entrar na escola, já conhecia as letras, principalmente o alfabeto e os números, inclusive sabia escrever meu nome.

Como já sabia ler e escrever, uma semana depois do início das aulas, os professores (incluindo meu pai) iam me mudar para o segundo ou terceiro ano, mas quando me avisaram não concordei, falando que eu não queria porque eu era menor e os amigos do segundo e terceiro ano eram maiores - na idade e fisicamente.

Infelizmente, a minha formação inicial foi interrompida dois anos depois, quando passei para o terceiro ano. Todas as escolas pararam sem saber quando voltar por causa do conflito (guerra) da independência do país. Isso demorou um ano. Eu e minha família ficávamos em casa escutando os barulhos das armas e granadas, enquanto olhávamos a fumaça do fogo na cidade.

Sou de Timor Leste (de nome oficial República Democrática de Timor Leste). O país é reconhecido como um dos países mais jovens do mundo, que foi independente e reconhecido mundialmente em 20 de maio de 2002. Ele faz parte da Continente da Ásia e se localiza no Sudeste Asiático, ou entre continente Oceania e Indonésia. Atualmente, tem como a língua oficial Língua Tétum (língua de Timor) e Língua Portuguesa. Além dessas línguas, o povo fala, aproximadamente mais de 20 (vinte) línguas (ídióletos). É composto pelo por treze distritos e tem como capital chamado Dili. Curiosamente, o nome, Timor Leste (L. Port.);

¹ Aluno da graduação em Letras Português-Inglês PUC Minas (7º período 2017)

East Timor (L. Ing.); e Timor Lorosa'e (L. Tétum), pode ser entendida de seguinte forma: Timor (L. Indonésia) = Leste (L. Port.) = East (L. Ing.) = Lorosa'e (L. Tétum), significa uma coisa só, LESTE. O país foi colonizado inicialmente pelos portugueses durante 460 anos (1515-1975). Em seguida os Indonésios invadiram e ficaram durante 24 anos (1975-1999).

Os conflitos fizeram com que eu não tivesse mais contato com meus materiais escolares e livros. Deixei tudo de lado sem saber quando voltaria a usá-los. Todos os dias, só via a minha mochila preta, pendurada ao lado do armário no meu quarto. Minha mãe me proibiu a tocá-la e falou “não sabemos se nós sobreviveremos ou não, deixa por enquanto”. A partir de então, deixei tudo de lado e nunca toquei neles.

Eu estava com 9 anos, entendia pouco sobre a guerra, então não tinha medo nem dos barulhos das armas, vendo as fumaças que cobriam a cidade. Por sorte, o conflito não chegou até minha comunidade, pois ficava longe da cidade, ainda por cima, ficava no meio do mato de plantação de café. Portanto, nada aconteceu com minha família até que o conflito terminou.

Depois desses conflitos todos (1999-2000), finalmente, voltei a estudar no ano 2000 e concluí meu ensino fundamental I em 2006.

Minha formação inicial, então se divide em duas fases: a primeira, antes do conflito da independência, que é de 1º a 3º ano. Nessa fase todas as escolas no país eram obrigadas a usar a Língua Indonésia. Com isso, iniciei minha aprendizagem, tanto em casa quanto na escola com a Língua Indonésia.

A segunda fase foi depois da pré-independência, antes da comemoração da independência, que é de 3º a 6º ano. Tive que começar tudo de novo, porque a escola começou a ensinar na minha língua, Tétum.

Meu pai, então, pediu para que jogasse fora todos os livros que ganhei dele e me proibiu a falar Língua Indonésia. Mas não teve jeito, porque os livros da minha língua eram poucos, só os professores tiveram acesso e na biblioteca da escola ainda estava cheia de livros da Língua Indonésia. Então, algumas matérias, tivemos que continuar a estudar com a Língua Indonésia.

Depois da independência, também continuei a não ter acesso aos livros. A razão é que a biblioteca da cidade foi destruída e os livros foram queimados. Além disso, os livros da Língua Indonésia começaram a proibir de serem lidos. Enfim, tudo isso me afetou muito até me formei do ensino médio, quase não lia nada de livros porque não tive muitos livros e

principalmente, na Língua Portuguesa, quase não existia nada, sendo que alguns professores tentaram ensinar a língua.

Meu pai falava português. Ele começou a estudar na colonização dos portugueses. Eu me lembro de que de vez em quando ele falava algumas palavras comigo, portanto algumas palavras soltas foram gravadas na minha cabeça. Além disso, o governo estava colocando a Língua Portuguesa como segunda língua, a fim de termos os materiais de estudos.

As escolas voltaram a funcionar normalmente mesmo com poucos materiais. Na minha escola, cada professor criava seus planos de ensino e procurava os próprios materiais de ensino. Nas explicações, eles misturavam as línguas Indonésia, Português e Tétum. Os alunos entendiam e as respostas das atividades eram feitas em qualquer língua e alguns professores criaram seus critérios. Os mais velhos optaram pelo uso da Língua Portuguesa, os jovens e adultos (de 30-55 anos) optaram pelo uso da Língua Indonésia ou Tétum.

Particularmente, eu falo fluentemente minha língua materna Língua Mambae (pode ser como um dialeto); Língua Tétum (primeira língua oficial de Timor Leste); e Língua Indonésia. Agora estou aprendendo a falar Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Entre elas são diferentes. Vou tentar mostrar apenas um exemplo da diferença, principalmente em Língua Portuguesa; Tétum e Indonésia porque ainda não existe a escrita da Língua Mambae.

Em português os verbos são conjugados, já nas duas línguas não. Nas duas, o verbo continua no infinitivo. “COMER (Port.) – MAKAN (Ind.) – HAN (Tet.)”. Português – eu como, tu comes você/ele/a come, nós comemos, vós comeis, vocês/eles/as comem. Indonésia – saya makan, kamu makan, dia (laki-laki/ perempuan) makan, kita makan, kalian makan, mereka (laki-laki/ perempuan). Tétum – há’u han, ó han, nia (feto/ mane) han, ita han, imi han, sira (feto/ mane) han.

Além disso (a conjugação verbal), que mencionei, nesse exemplo ainda existe outros exemplos, há o gênero. Em português é marcado pela terminação (sufixação) de “o” e “a” para determinar o masculino e feminino. Nas duas línguas não, o gênero é determinado com outros substantivos: laki-laki/ mane – ele; perempuan/ feto – ela. Formando frase – eu como arroz (Port.); saya makan nasi (Ind.); há’u han etu (Tet.).

Tudo que foi mencionado é para mostrar que na minha formação inicial, como um todo, não consegui aproveitar muita coisa em relação a minha formação de letramento inicial,

quer dizer, me formei do ensino médio com uma bagagem muito fraca em todos os sentidos – formação como cidadão, formação humana, e entre outros que eu devia ter na época.

O português era fraco. A cultura mista levou mais para o lado da Indonésia que o lado de Portugal. Então, o estudo e o esforço desse tempo todo não ajudaram muito para aprendizagem de Língua Portuguesa.

Nunca tinha passado na minha cabeça de que um dia eu podia estudar no Brasil. O meu português era zero. Tudo começou quando cheguei ao Brasil inclusive foi aqui que voltei a ter o contato com os livros. O primeiro livro que eu li, foi “A ilha perdida” de Maria José Dupré, sugerido pela bibliotecária do Colégio Padre Eustáquio. Talvez, também o primeiro livro que me levou a viajar junto aos personagens.

No Brasil, meu processo de aprendizagem era da seguinte forma, uma semana depois da minha chegada, fui ao colégio comprei o uniforme e entrei na sala como aluno de 3º ano de ensino médio. Lá eu sentava no meio da sala, onde foi preparada uma mesa e uma cadeira para mim. Sentava calado, perdido e sem entender nada.

Frequentei as aulas todos os dias até acabar o semestre. Participei de todas as atividades da escola como aluno inclusive fui à PUC Aberta 2013. Além da aula no colégio, eu tive também aulas particulares em casa. Fora disso, na minha mesa do meu quarto, eu colocava entre os livros os dicionários: “português – inglês; inglês indonésia”. Eu lia os textos ou os livros, consultava o dicionário português – inglês e só às vezes o inglês – indonésio porque eu entendia inglês. E então, as coisas foram se ajeitando dia por dia, e foram melhorando cada vez mais.

Depois da PUC Aberta, eu decidi tentar o vestibular. Fiz na uniBH e na PUC. Com esforço que eu tinha, passei nas duas e escolhi a PUC, primeira razão por questões da distância e outras razões pelo ambiente que achei muito agradável.

Entre na faculdade sem entender muita coisa. Sentava lá no canto. No início, pensei em experimentar, mas depois foi melhorando pouco a pouco e então decidi fazer os trabalhos e provas. No fim dos semestres percebi que cosegui alcançar em maioria das matérias com 60% das minhas notas. Isso me deu a coragem de continuar esforçando.

Atualmente estou no 7º período do curso de letras. Tive sorte de escolher a estudar nesse curso, pois ele me faz crescer em todas as partes, principalmente ler, escrever e falar.

Reverdo o passado, principalmente nos tempos que estou aqui no Brasil, posso dizer que a melhor coisa que eu podia ter na vida foi escolher curso de letras para me

profissionalizar, pois acredito, que se eu escolhesse outro curso, eu poderia ser diferente como agora. Digo isso porque o curso me faz crescer não só questão profissional, mas na questão de “a língua é a porta para o mundo”, ou seja, esse curso me faz ver o mundo com outro olhar, prestando atenção nas minuciosas coisas através da linguagem. A procura de dar sentido às coisas não através de outra coisa a não ser da língua.

Estudar língua, hoje, percebi que não apenas aprender a escrever com norma culta que cheia de critérios da coesão e coerência, tudo tem que ser igual o que diz a gramática e etc., mas estudar a língua é aprender ver o mundo com olhar críticos e atentos tanto nas questões orais quanto nas escritas ou a não verbais, a fim de ter interpretações boas das coisa antes de tomar decisões, já que no mundo, a mediação entre nós humanos com outros humanos e humanos com coisas (objetos ou natureza) se dá basicamente por meio da língua (linguagem).

Saber a língua então é conhecer “a cada detalhe” cultural, histórico, social, política, econômica e etc. do lugar onde estamos porque a língua nos possibilita isso.

Aprender a Língua Portuguesa até o momento me faz interagir com “o Brasil”, nas suas pessoas, culturas, hábitos, convivências, interações, relações, inclusive a viver nessa sociedade brasileira que é rica por excelência nas diversidades. Finalmente, aprender a Língua Portuguesa é ter a possibilidade de conhecer mais um outro mundo que não é aquele de onde venho.

A língua enquanto o sistema, ela é estudada, analisada e interpretada. Mais que isso, ela permite a ocasião de conhecer mais. A literatura, por exemplo, me permitiu conhecer um pouco mais o passado do Brasil, viajando no tempo e quebrando o barreira do espaço.

Por fim, pode-se dizer que a língua também é um transporte de viagem gratuito aos tempos e aos espaços que não imaginamos que poderíamos estar...